



CAPÍTULO 6

CAIXA DE AFECÇÕES E ANÁLISE INSTITUCIONAL

Luana Asturiano da Silva

Itens da Caixa de Afecções: livros, papel impresso, flor.

Durante a disciplina optativa cursada em julho de 2025, a professora Ana Abrahão nos apresentou a “Caixa de Afecções” — um instrumento instigante para auxiliar no aprendizado imersivo dos conceitos abordados. A proposta era simples, porém desafiadora: observar, no cotidiano, situações que nos remetessem aos conteúdos discutidos em sala.

Logo no primeiro dia, à noite, ao chegar em casa após a aula, deparei-me com uma situação que me fez refletir sobre o conceito de *instituição*. Ao ler um livro para meu filho de 4 anos, percebi o quanto a “Instituição Infância” estava presente naquele texto, com suas normas, expectativas e definições do que é certo ou errado. O livro, intitulado *A menina que morava no chuveiro*, de Antônio Prata, narra a história de uma menina de 5 anos, com hábitos típicos das crianças da nossa sociedade — gostar de doces, brincar na areia, pintar, frequentar piscina e festas juninas — mas que, acima de tudo, amava tomar banho. Esse gosto, incomum entre crianças (para quem o banho costuma ser visto como obrigação e interrupção da brincadeira), é retratado no livro como algo extremamente prazeroso. Nesse sentido, a obra cumpre o papel de moldar valores e normas instituídas, transformando uma tarefa rotineira em algo socialmente desejável.

Outra experiência que me remeteu aos conceitos de *instituído* e *instituinte* foi a participação, como ouvinte, de uma *live* intitulada “Diálogos sobre o Parto Domiciliar Planejado e o Papel das Universidades nesse Cenário”. O evento, aberto à sociedade, discutia o caso Zeza e Ricardo Jones e a perseguição a profissionais atuantes no parto domiciliar planejado, bem como a defesa da autonomia da mulher. Como enfermeira obstetra atuante nesse contexto, reconheci-me

imediatamente como parte de um movimento instituinte, já que o modelo de assistência ao parto domiciliar planejado é, hoje, contra-hegemônico. Vivemos em um cenário obstétrico brasileiro médico-centrado, marcado por intensa medicalização e hospitalização — pilares do sistema cesarista — e no qual a autonomia dos profissionais que atuam no parto domiciliar é constantemente ameaçada, especialmente pelos conselhos de medicina. Assim, enquanto o parto hospitalar segue como modelo instituído, o parto domiciliar se afirma como movimento instituinte. Mas percebo que nem sempre foi assim — e justamente aí está o dinamismo desses conceitos.

Essa reflexão também surgiu ao revisitar o livro *Parto Ativo*, de Janet Balaskas, que propõe devolver o protagonismo do parto à mulher. No contexto atual, essa perspectiva se revela quase subversiva, pois o modelo instituído é o da medicalização e do foco na assistência como centro do processo, e não na parturiente. Essa constatação me levou a lembrar de uma fala de um médico, que afirmou que seu “maior terror” era atender uma mulher “que deseja parir a qualquer custo”. Tal colocação me pareceu incoerente, pois sugere irresponsabilidade por parte da gestante, quando, na verdade, o parto normal — se adequadamente assistido — oferece menores riscos para mãe e bebê. Nunca encontrei mulheres dispostas a arriscar a vida de seus filhos deliberadamente, mas já testemunhei inúmeros profissionais sustentando condutas ultrapassadas e sem respaldo científico, como indicar cesárea sob justificativas falaciosas (ex.: “cordão enrolado”, “gestante muito baixa”, “pelve estreita”, “muito magra” ou “obesa”). Essa fala reforça como o instituído se perpetua: pela repetição e defesa de suas próprias bases.

Outro momento marcante, que também identifiquei como movimento instituinte, foi um chá de bênçãos organizado para uma amiga e colega de equipe, gestante. Reunimos amigas e familiares para criar um momento de conexão dela com o bebê, reconhecendo-a como mulher amada e valorizada em um período de vulnerabilidade física e emocional. Essa iniciativa, que contrasta com a lógica social de invisibilizar a mulher e focar apenas no bebê, representou um gesto coletivo de cuidado entre mulheres — algo cada vez mais raro na sociedade marcada por competição e individualismo.

Através dessas experiências, registradas na minha “Caixa de Afecções”, percebo como os conceitos da Análise Institucional se materializam no dia a dia e dialogam diretamente com minha trajetória acadêmica e profissional. Essa proposta metodológica ampliou minha percepção sobre como as instituições se imbricam na vida cotidiana e se perpetuam, moldadas pelas ações e resistências dos grupos implicados.